



1

Abbey Road, Londres, setembro de 1988

2

3

4

5

6

Berlim Oriental, setembro de 1988

7

8

9

10

11

12

13

14

1

Abbey Road, Londres, junho de 2016

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

Autora

Créditos

O negócio é o seguinte, Saul Adler: quando eu tinha vinte e três anos, adorava o jeito como você me tocava, mas, quando a tarde entrava e você saía de mim, você já estava à procura de outra pessoa. Não, o negócio é o seguinte, Jennifer Moreau: eu amei você todas as noites e todos os dias, mas você tinha medo do meu amor e eu tinha medo do meu amor também. Não, ela disse, eu tinha medo da sua inveja, que era maior do que o seu amor. Preste atenção, Saul Adler. Preste atenção! Olhe para a esquerda e para a direita, atravesse a rua e chegue ao outro lado.

## Abbey Road, Londres, setembro de 1988

Eu estava pensando em como Jennifer Moreau tinha me dito que eu nunca poderia descrever sua beleza; nem para ela, nem para qualquer outra pessoa. Quando perguntei por que tinha sido silenciado dessa maneira, ela respondeu: “Porque você só tem palavras antigas para me descrever”. Eu estava com isso na cabeça quando pisei na faixa de pedestre com suas listras brancas e pretas diante das quais todos os veículos devem parar para permitir que os transeuntes atravessem a rua. Um carro estava vindo na minha direção, mas não parou. Tive que dar um pulo para trás e caí em cima do quadril usando as mãos para me proteger da queda. O carro parou e um homem abaixou o vidro. Estava na casa dos sessenta anos, cabelo branco, olhos escuros, lábios finos. Perguntou se estava tudo bem comigo. Como não respondi, ele saiu do carro.

“Peço desculpa”, ele falou. “Você começou a atravessar na faixa e eu diminuí a velocidade, pronto para parar, mas daí você mudou de ideia e voltou para o meio-fio.” As pálpebras dele tremiam nos cantos. “E daí, sem aviso, você se jogou no cruzamento.”

Sorri com sua reconstrução cuidadosa da história, obviamente narrada de um ponto de vista favorável a ele. Deu uma olhadinha disfarçada no carro para ver se não havia nenhuma avaria. O espelho retrovisor estava despedaçado. Seus lábios finos se abriram e ele soltou um suspiro pesaroso, balbuciando algo a respeito de ter encomendado o espelho de Milão.

Eu tinha passado a noite toda em claro, redigindo uma palestra sobre a psicologia dos homens tiranos, e tinha começado pela maneira como Stálin flertava com as mulheres atirando pão

nelas por cima da mesa de jantar. Minhas anotações, umas cinco folhas de papel, tinham caído da minha bolsa de couro a tiracolo junto com um pacote de camisinhas, só para me deixar envergonhado. Comecei a recolher tudo. Havia um pequeno objeto retangular e chato na rua. Reparei que o motorista olhava fixo para os nós dos meus dedos quando lhe entreguei o objeto, que estava quente e parecia vibrar na palma da minha mão. Como não era meu, achei que fosse dele. Pingava sangue dos meus dedos. Minhas palmas das mãos estavam raladas e havia um corte no nó de um dedo da mão esquerda. Suguei o corte enquanto ele me observava, claramente perturbado.

“Precisa de uma carona?”

“Está tudo bem.”

Ele se ofereceu para me levar até uma farmácia para “limpar a ferida”, como ele disse. Quando balancei a cabeça, estendeu a mão e tocou no meu cabelo, um gesto estranhamente reconfortante. Perguntou qual era o meu nome.

“Saul Adler. Olhe, é só um arranhão. Minha pele é fina. Sempre sangro muito, não é nada.”

Ele segurava o braço esquerdo de um jeito estranho, aninhado no direito. Recolhi as camisinhas e enfiei no bolso do paletó. Um vento soprava. As folhas que tinham sido varridas em montinhos embaixo das árvores eram sopradas para o meio da rua. O motorista me disse que o trânsito tinha sido desviado porque havia uma manifestação naquele dia em Londres e ele ficou imaginando se a Abbey Road estaria fechada. O desvio não estava bem sinalizado. Não entendia como tinha se confundido porque costumava passar por ali para assistir a jogos de críquete no Lord's, ali perto. Enquanto falava, olhava de soslaio para o objeto retangular que segurava.

O objeto falava. Com toda a certeza havia uma voz dentro dele, uma voz de homem, e dizia algo irritado e insultante. Nós dois fingimos não escutar as palavras.

*Vai se foder eu te odeio não volte para casa*

“Quantos anos você tem, Soorl? Pode me dizer onde mora?”

Acho que a quase colisão tinha assustado o motorista de

verdade.

Quando eu lhe disse que tinha vinte e oito anos, ele não acreditou em mim e perguntou quantos anos eu tinha mais uma vez. Ele era tão refinado que pronunciava meu nome como se tivesse uma pedrinha inserida entre o céu da boca e o lábio inferior. O cabelo branco estava penteado para trás com um produto que fazia os fios brilharem.

Então perguntei qual era o nome dele.

“Wolfgang”, ele falou bem rápido, como se não quisesse que eu lembrasse.

“Igual a Mozart”, eu disse, e então, mais ou menos como uma criança que mostra ao pai onde machucou depois de cair do balanço, aponte para o corte no nó do dedo e fiquei repetindo que estava tudo bem. Seu tom de preocupação estava começando a fazer meus olhos se encherem de lágrimas. Eu queria que ele pegasse o carro e fosse embora para me deixar em paz. Talvez as lágrimas estivessem relacionadas à morte recente do meu pai, apesar de o meu pai não ter sido nem tão asseado nem tão gentil quanto Wolfgang com seu cabelo branco reluzente. Para apressar sua partida, expliquei que minha namorada estava para chegar a qualquer minuto, então ele não precisava se preocupar. Aliás, ela ia tirar uma foto minha atravessando a faixa de pedestre no estilo da fotografia do disco dos Beatles.

“Que disco é esse, Soorl?”

“Chama *Abbey Road*. Todo mundo conhece. Por onde você tem andado, Wolfgang?”

Ele deu risada, mas parecia triste. Talvez fosse por causa das palavras insultantes que tinham saído do objeto que vibrava em sua mão.

“E quantos anos tem a sua namorada?”

“Vinte e três. Na verdade, *Abbey Road* foi o último álbum que os Beatles gravaram juntos no estúdio da EMI, que fica logo ali.” Aponte para uma casa grande e branca do outro lado da rua.

“Claro que eu sei disso”, disse com tristeza. “É quase tão famoso quanto o Palácio de Buckingham.” Ele voltou para o

carro enquanto murmurava: “Cuide-se, Soorl. Você tem sorte por ter uma namorada tão jovem. Aliás, o que você faz?”.

Os comentários e as perguntas dele estavam começando a me irritar — e também o jeito como ele suspirava, como se carregasse o peso do mundo nos ombros do casaco bege de caxemira. Resolvi não revelar que eu era historiador especializado na Europa Oriental comunista.

Foi um alívio ouvir o rugido animal do motor acelerando quando comecei a atravessar a rua mais uma vez.

Levando em conta que tinha sido ele que quase me atropelou, talvez fosse ele que devesse se cuidar. Acenei, mas ele não retribuiu. Já em relação à minha namorada tão jovem, eu só era cinco anos mais velho do que Jennifer, então, do que ele estava falando? E por que quis saber a idade dela? Ou o que eu “faço”?

Deixa pra lá. Estava olhando para as anotações que segurava (com a mão ainda sangrando), na qual tinha transcrito que o pai de Stálin era alcoólatra e violento com a família. A mãe de Stálin tinha matriculado o filho Joseph em uma escola de sacerdócio da Igreja ortodoxa grega para protegê-lo da fúria do pai, depois de ele ter tentado estrangulá-la. Eu não conseguia ler a minha própria letra com facilidade, mas tinha sublinhado algo a respeito de como Stálin castigaria pessoas por seus pecados inconscientes, além de seus pecados conscientes — como, por exemplo, crimes ideológicos contra o partido.

O lado esquerdo do meu quadril começou a doer.

*Cuide-se, Soorl. Valeu pelo conselho, Wolfgang.*

Voltando às minhas anotações, que agora estavam manchadas com o sangue dos nós dos meus dedos. Joseph Stálin (eu tinha escrito isso tarde da noite) sempre sentia satisfação quando castigava alguém. Atormentava até o próprio filho — com tamanha crueldade que ele tentou se matar com um tiro. Sua mulher também atirou contra si mesma, com mais sucesso do que o filho, que, diferentemente da mãe, viveu para ser atormentado seguidas vezes pelo pai. Meu próprio pai falecido

não exatamente me atormentava. Ele deixou a tarefa para o meu irmão, Matthew, que estava sempre disposto a exercer um pouquinho de crueldade. Assim como Stálin, Matthew atormentava a família, ou se assegurava de que a vida dos parentes fosse tão insuportável a ponto de eles se atormentarem por si mesmos.

Eu me sentei na mureta na frente do estúdio da EMI para esperar Jennifer chegar. Dali a três dias eu iria viajar para a Alemanha Oriental, a RDA, para pesquisar a oposição cultural ao surgimento do fascismo na década de 1930 na Universidade Humboldt. Apesar de meu alemão ser razoavelmente fluente, tinham me designado um tradutor. Ele se chamava Walter Müller. Era para eu passar duas semanas em Berlim Oriental com a mãe e a irmã dele, que tinham me oferecido um quarto em seu apartamento subsidiado perto da universidade. Walter Müller era parte da razão por que eu quase tinha sido atropelado na faixa de pedestre. Ele tinha escrito para dizer que a irmã, que se chamava Katrin — mas a família a chamava de Luna —, era uma grande fã dos Beatles. Desde a década de 1970, álbuns tanto dos Beatles quanto de Bob Dylan tinham recebido licença para serem lançados na RDA, diferentemente dos anos 1950 e 1960, quando a música pop era considerada pelo Partido Socialista da Alemanha, que estava no poder, como arma cultural para corromper os jovens. Representantes do governo eram obrigados a examinar todas as letras antes que os álbuns pudessem ser lançados.

Yeah yeah yeah. Qual poderia ser o significado disso? O que era que recebia um sim?

Tinha sido ideia da Jennifer tirar uma foto minha atravessando a faixa de pedestre na Abbey Road para dar à Luna. Na semana anterior, ela tinha pedido que eu lhe explicasse o conceito todo da RDA, mas eu tinha me distraído. Estávamos caramelizando amendoins na cozinha do seu apartamento, e eu estava queimando o açúcar. Era uma receita bem complicada, em que a instrução era adicionar os amendoins ao caramelo fervilhante e

depois assar no forno. Jennifer não compreendia como as pessoas de um país inteiro podiam ficar trancadas atrás de um muro sem permissão para sair. Enquanto eu discursava a respeito de como a Alemanha tinha sido separada ideológica e fisicamente em dois países divididos por um muro, comunista no Leste, capitalista no Oeste, e como as autoridades comunistas chamavam o Muro de “baluarte de proteção antifascista”, os dedos dela tinham deslizado por baixo da cintura do meu jeans. Eu estava queimando o açúcar e Jennifer não estava exatamente fazendo anotações. Nós dois tínhamos perdido o interesse na República Democrática Alemã.

Avistei-a caminhando na minha direção carregando uma escadinha de alumínio no braço. Vestia o quepe de piloto soviético que eu tinha comprado para ela na feirinha de antiguidades de Portobello Road. Dei um beijo nela e resumi o que tinha acontecido. Jennifer estava preparando uma exposição de suas fotografias na faculdade de arte, mas tinha tirado a tarde de folga para fazer a “sessão de fotos”, como chamou aquilo. Um modelo de câmera estava preso ao seu cinto de couro; outro estava pendurado em seu pescoço. Não revelei os detalhes do quase atropelamento, mas ela reparou no corte no nó do meu dedo. “Sua pele é fina”, ela disse. Perguntei a ela por que estava carregando uma escada. Disse-me que a foto original dos Beatles tinha sido tirada assim, na faixa de pedestre da Abbey Road em agosto de 1969 às 11h30. O fotógrafo, Iain MacMillan, tinha colocado a escada ao lado da faixa de pedestre enquanto um policial tinha sido pago para organizar o trânsito. MacMillan teve dez minutos para tirar a foto. Mas como eu não era nem um pouco famoso, não podíamos pedir cinco minutinhos para a polícia, por isso precisávamos trabalhar rápido.

“Acho que tem um desvio e a Abbey Road está fechada hoje.”

Enquanto eu falava, três carros passaram em alta velocidade, seguidos por um táxi preto vazio, uma motocicleta, duas bicicletas e um caminhão carregado de tábuas.

“É, Saul, está fechada, com certeza”, ela disse enquanto

mexia na câmera.

“Acho que você se parece mais com Mick Ronson do que com qualquer um dos Beatles, apesar de o seu cabelo ser preto e o de Mick ser loiro.”

Era verdade que o meu cabelo, na altura dos ombros, tinha sido cortado por Jennifer dois dias antes no estilo do guitarrista principal de Bowie. Ela estava secretamente orgulhosa do que chamava de meu visual de astro de rock e amava meu corpo mais do que eu, e isso fazia com que eu a amasse.

Quando a rua esvaziou, ela colocou a escadinha no mesmo lugar em que Wolfgang devia ter parado seu carro. Enquanto subia e ajustava a câmera, berrava instruções: “Enfie as mãos nos bolsos do paletó! Olhe para baixo! Olhe para a frente! Certo, comece a caminhar agora! Passos largos! Vai!”. Havia dois carros esperando, mas ela ergueu a mão para que ficassem parados enquanto colocava um rolo de filme novo na câmera. Quando os carros começaram a vaiar, ela fez uma mesura rebuscada para eles do alto da escadinha.

Para agradecer Jennifer por seu tempo, comprei seis ostras na peixaria e uma garrafa de vinho branco seco. Passamos as próximas horas na cama dela enquanto suas novas colegas de apartamento, Saanvi e Claudia, estavam fora. Era um apartamento de subsolo feioso e escuro, mas elas todas gostavam de morar ali e pareciam se dar bem. Claudia era uma vegana que sempre deixava algum tipo de alga em uma tigela com água na cozinha.

Quando nos beijamos na cama, sem tirar a roupa, o quepe de piloto ficava caindo sobre os olhos dela, e isso me deixou excitado de verdade. De vez em quando, luzes azuis piscavam na minha cabeça, mas eu não disse nada a Jennifer, que brincava com o cordão de pérolas que eu sempre usava no pescoço. Quando finalmente tirei a calça branca, ela reparou que havia um hematoma grande na minha coxa direita e que meus joelhos estavam ralados e sangrando.

“Pode me dizer o que realmente aconteceu, Saul?”

Expliquei melhor como eu quase tinha sido atropelado logo antes de ela chegar e que fiquei acanhado quando recolhi o pacote de camisinhas. Ela deu risada, sugou uma ostra e jogou a concha no chão.

“Devíamos procurar pérolas dentro destas ostras”, ela disse. “Quem sabe assim podemos fazer outro colar para você?”

Ela queria saber por que eu tinha tanta vontade de ir para a Alemanha Oriental, já que seus cidadãos estavam presos atrás daquele muro e a Stasi ficava espionando todo mundo. Talvez não fosse um lugar seguro para se visitar. Por que eu não fazia minha pesquisa em Berlim Ocidental para que ela pudesse me visitar, e assim poderíamos ir a shows e beber cerveja barata?

Não tenho certeza se Jennifer realmente acreditava que eu era

um acadêmico, e não um astro do rock.

“Os seus olhos são tão azuis”, ela disse enquanto subia em mim e montava no meu quadril. “É bem fora do comum ter cabelo preto intenso e olhos azuis ainda mais intensos. Você é muito mais bonito do que eu. Quero o seu pau dentro de mim o tempo todo. As pessoas vivem com medo na RDA, não vivem? Continuo sem entender como as pessoas de um país inteiro podem ficar trancadas atrás de um muro sem ter permissão para sair.”

Eu sentia o cheiro do óleo doce de ilangue-ilangue que ela sempre passava no cabelo antes de entrar na sauna minúscula que tinha vindo com o apartamento no subsolo na Hamilton Terrace. Algumas noites, eu chegava lá depois do trabalho e ficava escutando sua conversa com Claudia e Saanvi na sauna enquanto corrigia as provas dos meus alunos na mesa da cozinha. Quando Jennifer finalmente saía da sauna, às vezes depois de uma hora, nua e besuntada com sua poção de ilangue-ilangue feita em casa, costumava me atormentar ao negar seu afeto, preparando chá de camomila e passando manteiga em uma torrada antes de dar o bote. Eu não poderia ter desejado uma predadora mais deliciosa para me afastar de uma redação que o meu pior aluno tinha concluído com a atribuição de uma das citações mais famosas do mundo ao autor errado.

“Os proletários não têm nada a perder senão suas correntes. Eles têm um mundo a ganhar.”

Risquei Liev Trótski e escrevi Karl Marx.

Eu sabia que meu corpo excitava Jennifer, mas tinha a impressão (enquanto ela guiava meus dedos para tocar nos lugares que lhe davam mais prazer) de que ela não estava assim tão interessada na minha mente. Começou a me falar por que artistas como Claude Cahun e Cindy Sherman eram mais importantes para ela do que Stálin e Erich Honecker (“Não”, ela disse, “aqui, aqui”, e eu senti quando ela gozou), e depois se deitou ao meu lado (e eu ia guiando seus dedos aos lugares que mais me davam prazer) enquanto me explicava que preferia Sylvia Plath a Karl Marx,

apesar de gostar da frase em *O manifesto comunista* sobre um espectro que assombrava a Europa. “Quer dizer” — ela agora sussurrava —, “geralmente um fantasma só assombra uma casa ou um castelo, mas o fantasma de Marx assombrava um continente inteiro. Talvez o espectro estivesse estacionado embaixo da Fontana di Trevi em Roma para descansar do esforço de ser uma assombração, ou comprando umas besteiras nas lojas Versace em Milão, ou assistindo a um show da Nico?” Por acaso eu sabia que o nome verdadeiro de Nico era Christa (eu não queria saber disso naquele momento exato) e que Nico/Christa, que tinha nascido em Colônia, foi assombrada a vida toda pelo barulho dos bombardeios na guerra? Eu também não queria saber (e Jennifer parou de me tocar em um momento erótico forte para acessar esse pensamento) que havia um espectro dentro de cada fotografia que ela revelava no quarto escuro, e não me lembrava da cena que ela tinha gostado no filme *Asas do desejo* (que tínhamos assistido juntos havia pouco tempo) em que um dos anjos diz que quer “entrar na história do mundo”, mas que agora, ela disse, queria que eu fosse o espectro dentro dela.

Fizemos sexo bem vigoroso e depois meu corpo realmente começou a doer. Estava claro que havia algo de errado com o meu quadril, que não tinha nenhum hematoma.

Ficamos lá sem fazer nada e terminamos a garrafa de vinho e conversamos. Depois de um tempo, Jennifer perguntou o que eu mais queria na vida.

“Eu gostaria de voltar a ver a minha mãe.”

Não era a resposta mais sexy do mundo, mas eu sabia que interessaria a Jennifer.

“Então talvez você devesse visitar sua mãe.”

“Você sabe que ela morreu.”

“Vá até a casa da sua família em Bethnal Green e me diga o que acontece.”

Ela tinha encontrado um pedaço de carvão e equilibrava uma folha de papel sobre as coxas nuas.

“Vejo paralelepípedos e uma universidade gótica”, eu disse.

A mão dela não se moveu pela folha.

“Achei que você fosse desenhar, não?”

“Bom, não tem nenhuma universidade gótica em Bethnal Green. Prefiro desenhar a sua mãe a um prédio. Você sente mais saudade dela do que do seu pai?”

Estar enrolado com uma pessoa como Jennifer Moreau exigia muito esforço. Ouvimos a porta da frente bater.

“Deve ser a Claudia.” Jennifer colocou minha mão no meio da folha de papel e desenhou ao redor dos meus dedos com o bastão de carvão. O quarto dela ficava ao lado da cozinha e escutamos Claudia enchendo o bule de chá.

Eu estava deitado de barriga para cima e enxergava um monte de urtigas em flor na escrivaninha mexicana verde de Jennifer no canto do quarto (feita de alosna ou alguma outra coisa que soava sinistra), além do seu passaporte, além de uma pilha de fotografias em preto e branco. Eu queria dizer a Jennifer que a amava, mas achei que isso pudesse fazer com que ela perdesse o interesse por mim.

De repente, a porta do quarto rangeu e se abriu. Claudia, que sempre deixava alga de molho durante a noite, estava nua, com uma toalha cor-de-rosa enrolada na cabeça, porque se encaminhava para a sauna. Ela bocejava, devagar, enorme, lânguida, como se o mundo todo a entediasse até não poder mais, com um braço esticado por cima da cabeça e a outra mão apoiada na barriga lisa e bronzeada.

Perguntei a Jennifer Moreau se ela consideraria se casar comigo. Naquele momento, me senti como se tivesse acabado de dividir um átomo. Ela se inclinou para a frente e seguiu meu olhar.

“Sabe, acho que está tudo acabado entre nós, Saul. Devemos colocar um ponto-final, mas vou mandar as fotos da Abbey Road para você mesmo assim. Divirta-se em Berlim Oriental. Espero que dê tudo certo com seu visto.”

Ela se deitou no travesseiro ao meu lado e puxou o quepe de piloto para cima do rosto, assim não precisava olhar para mim.

Saí da cama, um pouco bêbado, e fechei a porta empenada do

quarto, tropeçando na garrafa de vinho vazia que tínhamos jogado no assoalho riscado.

“Seu terno branco está na cadeira”, ela disse. “Será que você consegue se vestir rapidinho? Preciso chegar ao quarto escuro da universidade antes que seja trancado hoje à noite.”

Eu tinha comprado o paletó na Laurence Corner, a loja de equipamento militar na Euston Road. Era onde os Beatles tinham achado suas jaquetas de *Sergeant Pepper* na década de 1960. Acho que antes meu terno era um uniforme da Marinha, e estava muito bem assim, já que o meu pedido de casamento tinha afundado no mar. Virei um destroço entre conchas de ostras vazias com suas bordas afiadas, e ainda sentia o gosto de Jennifer Moreau nos meus dedos e nos meus lábios. Quando me aboletei ao seu lado na cama e perguntei por que tinha ficado tão irritada comigo de repente, ela pareceu não saber, ou não entender, ou não se importar. Agia com calma e bastante frieza, achei, como se estivesse pensando nisso já havia algum tempo.

“Bom, tirando qualquer outra coisa, você nunca me perguntou nada sobre a minha arte.”

“Como assim?” Agora eu berrava. “Aqui está a sua arte, nas paredes, ali e ali.” Apontei para duas colagens presas com fita adesiva na parede do quarto. Uma era uma fotografia em preto e branco muito ampliada do meu rosto de perfil, pendurada em cima da cama feito um ícone religioso. Ela tinha traçado o contorno dos meus lábios com canetinha vermelha e escrito as palavras *NÃO ME BEIJE*.

“Eu olho para a sua arte o tempo todo.” Continuava berrando. “Penso nela e penso em você. Eu me interessou.”

“Bom, tendo em vista que você está tão interessado assim, no que estou trabalhando agora?”

“Não sei, você não me disse.”

“Você não perguntou. Então, que tipo de câmera eu uso?”

Ela sabia que eu não fazia a menor ideia. Até parece que Jennifer também tinha muito interesse na Europa Oriental comunista. Quer dizer, ela não tinha exatamente pedido uma lista de leituras para mim e eu não usava isso contra ela.

“Ah, é”, eu disse, “você pegou um negativo meu e colou com fita adesiva no ombro e tomou sol e daí tirou e ficou com um tipo de tatuagem minha na pele.”

Ela deu risada. “Tudo está relacionado a você, não é mesmo?”

De certo modo, estava, sim. Afinal, Jennifer Moreau vivia tirando fotos minhas.

Quando a porta do quarto voltou a ranger e se abrir, Claudia estava comendo feijões direto da lata com uma colher gigantesca.

“Jennifer”, eu agora implorava. “Sinto muito. Desde que o meu pai morreu, eu simplesmente tenho tentado viver um dia depois do outro.”

Dava para ouvir o bule fervendo do outro lado da porta.

“Acontece”, ela disse, enquanto pulava da cama e fechava a porta com um safanão mais uma vez, “que uma curadora americana visitou meu estúdio e comprou duas fotografias minhas. E ela me ofereceu uma residência artística em Cape Cod, em Massachusetts, depois que eu me formar.”

Então é por isso que o passaporte dela está em cima da escrivaninha.

“Parabéns”, eu disse, arrasado.

Ela parecia tão animada e jovem e maldosa. Fazia só um pouco mais de um ano que estávamos juntos, mas eu sabia que tinha encontrado meu par. Para começo de conversa, o acordo que Jennifer Moreau (pai francês, mãe inglesa, nascida em Beckenham, sul de Londres) tinha feito comigo era que ela podia elogiar minha própria beleza sublime (como ela colocou) de qualquer maneira que desejasse, os contornos do meu corpo, meus olhos “de um azul intenso”, mas eu nunca poderia descrever seu próprio corpo, nem expressar minha admiração por ele, a não ser por meio do toque. Era assim que ela queria saber tudo que eu sentia e pensava a seu respeito.

Claudia agora tinha desligado o bule que gemia. Quando voltei a olhar para a parede, reparei em uma fotografia de Saanvi presa ao gesso que esfarelava. O apartamento do subsolo era úmido e alguma espécie de bolor se espalhava feito formigas perturbadas pelas paredes do quarto de Jennifer. Na fotografia,

Saanvi suava ao lado dela na sauna. Estava lendo um livro, tinha um piercing de argolinha dourada no mamilo esquerdo.

“Vá andando, Saul. Não sei o que você ainda está fazendo aqui.”

Jennifer vestiu um quimono com um dragão bordado nas costas e então enfiou os pés em suas sandálias preferidas, que eram feitas de borracha de pneu.

Ela estava praticamente me empurrando porta afora.

Passei algum tempo remexendo na tranca do portão da frente. Eu nunca conseguia entrar ou sair por aquele portão; tinha visto Jennifer e Claudia o pularem quando estavam atrasadas para a aula. A outra colega de apartamento delas, Saanvi, não tinha problema com a tranca porque era paciente, mas Jennifer dizia que era porque ela era formada em matemática avançada e tinha muito conhecimento a respeito de tempo sem limite.

O sol de fim de tarde feria meus olhos. Meus olhos de um azul intenso. De repente me virei porque intuí que Jennifer estava me observando. E estava. Com uma câmera na mão. Estava parada na porta da frente com seu quimono de dragão e suas sandálias de pneu, ainda corada depois de ter transado comigo, remexendo nos bolsos de seda com a mão esquerda, procurando as jujubas que sempre deixava ali. A câmera dela estava apontada para mim. Enquanto o aparelho zunia e estalava, ela disse de um jeito bem dramático: “Adeus, Saul. Você será para sempre minha musa”.

Por um momento, fiquei achando que ela fosse jogar uma jujuba para mim do mesmo jeito que os treinadores de circo jogam comida para os animais de picadeiro depois de eles saltarem através de uma argola em chamas.

“Vou mandar as fotos da Abbey Road para você antes da sua viagem. Sinto muito pelo seu pai. Espero que você se sinta melhor logo e não se esqueça do abacaxi enlatado para o seu tradutor.”

A Abbey Road ficava a doze minutos a pé da Hamilton Terrace.

Algo me fez voltar ao local do quase acidente. Eu teria de tomar cuidado, porque reparei que estava mancando e que meu paletó branco estava rasgado no ombro. Jennifer Moreau tinha sido implacável e parecia ter muita informação sobre a minha vida. Como sabia que Walter Müller tinha pedido que eu levasse uma lata de abacaxi para a RDA? Não conseguia me lembrar se era porque eu tinha dito a ela ou se ela tinha perguntado. Era verdade que tinha me acompanhado ao enterro do meu pai três semanas antes, então ela sabia da morte dele. Seu pai havia morrido quando ela tinha doze anos, igual à minha mãe. Nós costumávamos conversar sobre ter perdido a mãe e o pai com a mesma idade. Era uma ligação entre nós, mas Jennifer achava que tinha se libertado com a morte do pai porque ele nunca teria permitido que ela estudasse arte na faculdade. Eu não tinha certeza se me libertara com a morte da minha mãe. Não, eu não conseguia enxergar nada de bom naquilo, só que nunca tinha duvidado do amor dela por mim, e isso transformou sua ausência em uma catástrofe ainda maior. Ainda assim, o enterro do meu pai foi um lembrete da perda precoce de Jennifer, e eu me sentia como alguém que deveria protegê-la. Meu irmão insensível, Matthew, também conhecido como Gordo Matt (que tomava um café da manhã inglês completo sete dias por semana — três ovos ingleses, três linguiças inglesas), tinha organizado toda a cerimônia do enterro sem me consultar.

Eu tinha me sentido orgulhoso por estar de braços dados com a glamorosa Jennifer Moreau, com seu sobrenome francês, *tailleur vintage* azul-bebê e botas de camurça de plataforma combinando. Havia observado Gordo Matt com sua mulher sem graça e seus dois filhos sentados no banco da frente da igreja como se fossem a realeza da família, e imaginei o que eu tinha feito de tão errado aos olhos deles além de usar um colar de pérolas.

Parecia que eu era um membro inferior da família: solteiro, sem filhos, relegado à segunda fileira. Foi um lembrete da solidão gritante dos meus anos de adolescência, quando Matt, que ainda não era gordo, e um herói bolchevique aos olhos do

meu pai, começou a trabalhar como eletricitista, ganhando um bom dinheiro enquanto eu ainda estava testando os lápis de olho na farmácia local. Quando entrei na Universidade de Cambridge, ele já sabia como instalar a fiação de uma casa inteira enquanto eu aperfeiçoava maneiras de disfarçar minha ignorância intensa (olhos de um azul intenso ajudam na tarefa) e aproveitar ao máximo o fato de ser o gato de pelo preto como um corvo da classe operária (sem garras, maçãs do rosto altas) entre os pombos aristocratas.

Matt fez uma homenagem muito bonita ao nosso pai. Quando chegou minha vez, a única coisa que eu, a pessoa com mais estudo na família, fui capaz de dizer, foi: “Tchau, pai”.

Mas meu irmão concordou com a minha ideia de levar uma porção das cinzas do nosso pai comunista comigo para enterrar na RDA. Afinal de contas, ele acreditava naquilo.

Dei uma olhada nas mansões eduardianas altas que se alinhavam de ambos os lados da Hamilton Terrace enquanto eu seguia mancando pela rua comprida e larga, ainda tentando me lembrar de como Jennifer sabia da lata de abacaxi que eu havia sido orientado a comprar por Walter Müller. Será que ela tinha lido a carta dele para mim? Informantes da Stasi eram conhecidos como ouvidos e olhos, *Horch und Guck*. Podia até parecer que, em relação à arte de Jennifer, meus olhos estavam fechados, meus ouvidos eram surdos, mas na verdade eu estava me preparando em ritmo frenético para partir para a Alemanha Oriental, tomando providências administrativas para acessar os arquivos que eu precisaria para a minha pesquisa. A razão por que havia recebido permissão para fazer isso tinha sido minha promessa de tratar com sensibilidade um artigo acadêmico que eu escreveria sobre a realidade do cotidiano na RDA. Em vez dos estereótipos de sempre da Guerra Fria, eu me concentraria na educação, na saúde e na moradia para todos os cidadãos, assuntos que eu tinha discutido com meu pai antes de sua morte.

“Se você algum dia tivesse que lutar contra um fascista, também ergueria um muro para que ele ficasse do lado de fora.”

Quando lembrei a ele que o Muro tinha sido erguido para manter as pessoas ali dentro, não para as de fora, ele me disse que eu era a Maria Antonieta da família e que as pérolas não ajudavam em nada.

“Pare de usar isso, filho.”

Na visão dele, liberdade de expressão e de movimento não era tão importante quanto eliminar desigualdades e trabalhar pelo bem coletivo, mas a verdade era que ele podia pegar a balsa para a França quando bem entendesse, e ninguém ia atirar nele de uma torre de observação em Dover. Ele fechava os olhos para os tanques de guerra soviéticos que invadiram Praga em 1968 porque obviamente achava que tinham relação com Stálin.

“A União Soviética é o padrinho da RDA. Familiares precisam cuidar uns dos outros, proteger seus parentes dos adversários reacionários.”

Yeah yeah yeah.

Do mesmo jeito que Matt cuidou do irmão quando os meninos tentaram me enforcar com a minha gravata no andar de cima do ônibus. Meu pai não apreciava aquilo que Jennifer descrevia como minha “beleza sublime”; por algum motivo, ela o ofendia. Para piorar a situação, eu era fisicamente mais fraco do que meu irmão e às vezes usava uma gravata de seda cor de laranja quando acompanhava nosso pai ao bar. Uma vez ouvi quando ele pediu uma caneca de chope para si e uma “taça de vinho tinto para o garoto efeminado”. O atendente do bar perguntou ao meu pai se merlot estava bom, e ele me entregou o chope. Como meio-termo, eu deixava de lado o rímel quando comparecia às suas palestras nos encontros do Partido Comunista e substituía a seda cor de laranja por uma boina verde feita de pele de cobra falsa. Sempre que estava de mau humor (com frequência) nos primeiros anos da minha adolescência, ele gritava para Matt, no estilo de Stálin: “Dê uma surra nele, dê uma surra nele”, e Matt, seu cúmplice, dava socos em mim até eu cair no chão. Depois que nossa mãe morreu, Matt passou a levar os socos a sério. Uma vez ele abriu meu lábio e me deixou com os dois olhos bem roxos, coisa que aparentemente era mais

aceitável do que os meus olhos de um azul intenso. Parecia que os tanques de guerra do meu pai estavam sempre estacionados na sala da nossa casa em Bethnal Green, prontos para passar por cima do meu corpo desprezível de treze anos com as metralhadoras em riste.

*Tchau, pai.* O que mais eu poderia ter dito no seu enterro?

Muita coisa.

A diferença entre mim e o meu pai, tirando a minha educação e as maçãs do rosto altas, era que eu acreditava que as pessoas deviam ser convencidas, não coagidas. Mas agora que ele estava morto e não podia dar sua resposta ríspida, eu tinha saudade da certeza dele.

Eu estava a cerca de sete minutos da faixa de pedestre. De vez em quando, precisava parar para retomar o fôlego. A voz de Jennifer voltava para mim. *Pode me dizer o que realmente aconteceu, Saul?*

Resolvi fazer uma anotação para não esquecer a lata de abacaxi. Eu iria escrever em letra de fôrma e prender na geladeira com o meu ímã de “Zeus, o Deus dos Deuses” assim que chegasse em casa. Em troca, Walter Müller tinha escrito, ele me daria um pote de pepino em conserva, a Esmeralda do Leste, feito com erva-doce e tomilho, açúcar e vinagre. Fiquei imaginando se ele estava ciente de que a Stasi leria as cartas. Se os informantes da Stasi eram conhecidos como olhos e ouvidos, parecia que Jennifer tinha me dado o fora porque meus ouvidos não estavam escutando e meus olhos estavam fechados no que dizia respeito à sua arte, e, pensando bem, e realmente pensei enquanto apertava o passo, eu não era capaz de me lembrar de nada que ela tivesse me dito a respeito de seu projeto atual, só que eu era sua musa. Além disso, também percebi que, depois de todo o esforço para recolher as camisinhas na ocasião do acidente, eu, na verdade, não tinha usado nenhuma. Estavam fechadas no bolso do meu paletó branco rasgado.

Foi estranhamente reconfortante retornar à faixa de pedestre na

Abbey Road. Não havia trânsito, então era provável que, no final das contas, tivesse mesmo sido fechada.

Ocorreu-me que, quando havia pisado pela primeira vez naquela faixa de pedestre, eu tinha namorada e não estava mancando. O que me ocorreu ali sentado na mureta na frente do estúdio da EMI foi a maneira como o homem que quase havia me atropelado tinha tocado no meu cabelo, como se estivesse tocando em uma estátua ou em algo sem batimento cardíaco.

Enquanto eu pensava sobre isso, uma mulher se aproximou sacudindo um cigarro sem acender na mão. Ela usava um vestido azul e perguntou se eu tinha fogo. Seu cabelo loiro curto era tão claro que era quase branco. Seus olhos eram do verde mais claro, feito vidro trazido pelo mar à praia. Enfiei a mão no bolso e achei o isqueiro Zippo de metal que eu sempre carregava, uma versão resistente ao vento, antiquada e desajeitada do isqueiro que os militares americanos usavam na Segunda Guerra Mundial — e, mais tarde, no Vietnã. Ela pegou minha mão que segurava o isqueiro e deu uma olhada nas iniciais gravadas nele. Expliquei que pertencera ao meu pai na época em que ele costumava fumar enquanto tomava seu banho mensal. Ele tinha morrido havia pouco tempo e eu estava levando uma pequena porção de suas cinzas em uma caixa de fósforos para enterrar na Berlim Oriental comunista. Minhas mãos tremiam enquanto eu falava. Pedi a ela que se sentasse um pouco comigo, e ela se sentou, acomodando-se na mureta do estúdio da EMI, o ombro encostado no meu. Dava para escutar quando ela inspirava e expirava. Saía fumaça de suas narinas, igual ao dragão bordado no quimono de Jennifer. Ela perguntou se eu era uma pessoa irrequieta.

“Não.”

“Nervosa, então?”

Um fragmento de um poema que eu não sabia que conhecia me veio à mente. Recitei em voz alta para a mulher que fumava seu cigarro.

*“We are the Dead. Short days ago,*

*We lived, felt dawn, saw sunset glow,  
Loved and were loved...*[2]

Ela assentiu como se eu estivesse agindo com normalidade, coisa que não estava.

“É de John McCrae”, eu disse. “Ele foi um médico canadense, mas se alistou como atirador na Primeira Guerra Mundial.”

Virei o rosto para ela, e ela se virou na minha direção enquanto o vento soprava um saco plástico de supermercado ao redor dos nossos pés.

“Que estranho”, ela disse, chutando o saco para longe. “Walmart não é americano?”

Nós nos beijamos na mureta feito adolescentes, a língua dela enfiada na minha boca, meu joelho enfiado no meio de suas coxas. Quando finalmente nos afastamos, ela perguntou que tipo de perfume eu estava usando. “Ilangué-ilangué”, respondi, enquanto ela anotava seu número de telefone na palma da minha mão trêmula. Quando se afastou, li as palavras nas costas do seu vestido azul. Era um uniforme. Percebi que ela era enfermeira e que na música “Penny Lane” tem uma enfermeira que vende pirulitos em uma bandeja.

Quando cheguei em casa, peguei o telefone e pedi a uma floricultura local que enviasse um buquê de girassóis para a Hamilton Terrace. Queria que Jennifer os recebesse no dia de sua apresentação de formatura. “Só temos rosas”: a atendente parecia indignada, como se nenhum outro tipo de flor existisse em seu mundo. Até pareceu ofendida ao ser informada de que, apesar de estarem no auge em agosto, os girassóis continuavam amplamente disponíveis em setembro. Foi estranho falar com essa florista que tinha pavor de flores. Quando eu disse a ela que, bem quando os girassóis começavam a abrir, outros tipos de flores, como as papoulas, aproximavam-se do fim da estação, pareceu que ela estava prestes a se desmanchar em lágrimas.

“Temos rosas amarelas, rosas brancas, rosas vermelhas, rosas listradas da China e da Birmânia. Serve? Temos muitas rosas brancas em estoque no momento.”

Rosas brancas. Die Weiße Rose — “A Rosa Branca”. Esse era o nome do movimento da juventude antinazista no início da década de 1940, que tinha começado em Munique. Eu estava traduzindo um panfleto para os meus alunos, escrito pelos líderes do Die Weiße Rose em fevereiro de 1943.

*A Juventude Hitlerista, a SA, a SS, todas tentaram nos drogar, tentaram nos arregimentar nos anos mais promissores da nossa vida.*

Talvez eu devesse encomendar doze rosas brancas para Jennifer? Afinal de contas, ela estava nos anos mais promissores de sua vida.

Não, tinha de ser girassóis. Era o único tipo de flor que ela gostava de ver num vaso, principalmente por causa do centro escuro, que aparentemente a lembrava de um eclipse, apesar de eu não ter certeza de que ela algum dia tenha visto um eclipse.

Liguei para outra floricultura que também não tinha girassóis

no estoque. A terceira é a vez da sorte, encontrei os girassóis. Dessa vez, o florista era homem. Ele me disse que era de Chipre e se chamava Mike. Quando perguntou qual era a mensagem para escrever no cartão, minha voz saiu estranhamente trêmula e aguda. Eu não a reconheci.

“Doce Jennifer, boa sorte na exposição, do homem descuidado que te ama.”

O florista chamado Mike limpou a garganta. “Desculpe, mas será que você pode falar inglês?”

Eu não consegui decifrar o que ele queria dizer. Repeti a mensagem, junto com meu nome e detalhes do cartão de crédito. Dessa vez minha voz estava menos frágil. Fez-se uma pausa, então Mike disse: “Eu não falo alemão. Bom, pelo menos acho que é alemão, mas seja lá o que você esteja dizendo, lembre-se de que nós vencemos a guerra”.

Eu escutava sua risada enquanto ficava repetindo a mensagem. Enquanto ele dava risada, percebi que estava pensando a mensagem em inglês, mas dizendo em voz alta em alemão, então mudei para o inglês: “Doce Jennifer, boa sorte na exposição, do homem descuidado que te ama”. Depois de confirmar que *descuidado* não era duas palavras, tínhamos chegado a um acordo. Mike disse que tinha sido um prazer me atender e que o nome verdadeiro dele não era Mike. Além disso, se ele soubesse que eu era capaz de falar outras línguas, teria me dito seu nome completo. “Mas, bom, cuide-se, Saul.”

Naquele dia, duas pessoas tinham me dito: “Cuide-se, Saul”.

Quando abri o chuveiro e lavei o sangue dos meus joelhos, percebi que estava chocado com o fato de Jennifer não ter reparado que meu corpo na verdade estava ralado e sangrando quando transamos. Eu sentia o cheiro do óleo de ilangue-ilangue na minha pele. Fico tão excitado com ilangue-ilangue. Depois comecei a passar as camisas que levaria para a Alemanha Oriental. Demorou um pouco para montar a tábua de passar e encher meu ferro antigo de água. Ou estava quente demais ou frio demais, mas apontar o bico de aço pesado para as mangas,

trabalhar os punhos e ver o vapor subir deixaram minha mente mais leve. Desabotoei os punhos e virei do avesso para poder passar ao redor dos botões. Era fundamental não passar em cima dos botões, o que sempre deixa uma marca. Demorei um pouco para desabotoar todos os botões. Sinceramente, depois do acidente de carro e do meu primeiro pedido de casamento da vida ser rejeitado, parecia que eu tinha levado uma surra. O que Stálin mais detestava eram as surras do pai. Pendurei as camisas e saí para a sacada. Um bando de corvos desajeitados cobertos de fuligem saltitava pela grama do Parliament Hill Fields. Um deles de repente levantou voo e seguiu na direção de uma bacia para passarinhos. Carregava algo no bico que então largou na bacia. Talvez fosse um rato, coisa que me lembrou de que Stálin amava a filha, Svetlana, do mesmo jeito que um gato ama um rato. Como eu amava Jennifer e como ela me amava? Nem tenho certeza se ela chegava a me amar. Ela definitivamente era o gato e eu era o rato. Isso meio que me fez pensar que eu deveria tentar ser o gato pra variar, mas não me pareceu muito excitante.

Até agora, eu tinha respeitado o meu lado do acordo — nunca descrever, em palavras, como ela era maravilhosamente linda, nem para ela, nem para ninguém mais. Nem a cor do cabelo ou da pele ou dos olhos dela, nem o formato de seus seios ou lábios ou mamilos, ou o comprimento de suas coxas ou a textura de seus pelos pubianos, ou se seus braços eram musculosos ou o tamanho de sua cintura ou se ela raspava os pelos debaixo do braço ou se pintava as unhas do pé. Eu aparentemente não tinha palavras novas com que a descrever, mas se eu quisesse dizer: “Ela é maravilhosamente linda”, tudo bem para ela, porque não queria dizer nada. Levando em conta que ela estava sempre falando da minha própria beleza sublime, fiquei imaginando se isso tinha algum significado. Para ela. Parecia que, em suas fotografias, isso fazia algum sentido, mas ela disse que na verdade não eram a meu respeito, era o todo da composição que importava, e eu era apenas uma parte daquilo. Por que ela tinha contornado os meus lábios com canetinha vermelha naquela foto em cima da cama? Eu sabia o quanto ela adorava me beijar,

então, por que escreveu *NÃO ME BEIJE?* Era como se ela pensasse que fazer sexo a deixasse vulnerável e me desse poder demais. Jennifer não queria me dar esse tipo de poder, então eu simplesmente tinha que improvisar com ela. Ela tinha muito interesse por um aluno da sua faculdade de arte chamado Otto. Ele tinha cabelo azul e a mesma idade que ela. Mesmo que Jennifer acreditasse que ele estivesse destinado a ser o novo artista mais famoso do mundo, eu sabia que a cor do cabelo do amor verdadeiro dela era preto.

Destranquei a caixa de correspondência no hall de entrada do meu bloco de apartamentos para ver se as fotografias da Abbey Road tinham chegado. Elas seriam o meu presente para Luna Müller, a irmã mais nova do meu tradutor, Walter Müller. Quando pus a chave na fechadura, pareceu meio frouxa, como se os parafusos tivessem sido soltos e aparafusados de volta com pressa. Mas quando olhei para as caixas de correspondência dos outros moradores, vi que também estavam em mau estado. A madeira de todas elas estava lascada. Faltavam parafusos na maior parte das trancas de latão, que tinham sido feitas na década de 1930. Tinha sido mais difícil do que o normal alinhar a chave com o buraco. O senhorio subia o aluguel todos os anos, mas não fazia nada para consertar o prédio, que estava mais ou menos caindo aos pedaços. A velha mulher do andar de cima, a sra. Stechler, deixou o elevador e saiu mancando pelo hall com as mãos enluvadas agarradas ao tubo de aço do seu andador Zimmer. Pareceu assustada ao me ver de joelhos, examinando as fechaduras de todas as caixas de correspondência. Ela vestia um casaco de pele e começou a reclamar da artrite, de como o tempo úmido causava inflamação e fazia com que ficasse ainda mais manca. “Chuva é má notícia para os meus ossos”, ela disse com sua voz lúgubre e profunda. Dei uma olhada através das portas de vidro do hall. O sol brilhava. A grama do jardim comunal ainda estava amarela por causa da onda de calor daquele verão. As folhas de outono não estavam molhadas.

“Algum problema, Saul?”

“Não.”

“Eu queria perguntar sobre o seu sobrenome”, ela disse.

“O que tem ele?”

“Na sua caixa de correspondência tem o nome Saul Adler.”

“Tem, sim.”

“Adler é um sobrenome judeu.”

“E daí?”

Ela esperou que eu dissesse algo mais, e eu disse algo mais.

“Saul também é um nome judeu. Tudo bem para você?”

A boca dela ficou aberta, como se estivesse procurando um buraco maior pelo qual respirar. Parecia que o meu nome era o espectro que assombrava a sra. Stechler.

Eu me levantei porque era abjeto demais conversar com ela de joelhos. Depois de um tempo, perguntei se ela podia me dizer onde comprar uma lata de abacaxi.

“Qualquer lugar. Todo mercado tem uma lata de abacaxi. Até o mercadinho da esquina. Quer fatias ou pedaços? Calda ou suco?”

Ela ficou olhando fixo para mim através dos óculos grossos, como se eu fosse um ladrão pronto para roubar todas as caixas de correspondência do prédio. Eu tinha encontrado um envelope na minha caixa de correspondência e estava curioso para abrir, mas não queria que ela me observasse. Ela me disse que ia comprar uma fatia de bolo de semente de papoula na loja polonesa e, já que estava indo lá mesmo, precisava achar algo para remover a mancha do seu sofá verde-tartaruga. Eu estava pensando em tartarugas e em que tipo de verde as representava no ramo dos estofados, quando ela começou mais uma vez a reclamar da dor nas juntas e do tempo. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma loja polonesa na rua que ela falou. Tinha um açougue e uma banca de jornal, e um salão de cabeleireiro que atendia praticamente só aposentadas como ela, mas nada que se assemelhasse a uma loja polonesa, a menos que o jornaleiro bengalês tivesse começado a vender confeitos do Leste Europeu. Me distraí porque agora tinha aberto o envelope e olhava fixo para as fotos, três delas em preto e branco.

Lá estava eu, caminhando descalço na faixa de pedestre com o meu terno branco com a calça boca de sino, as mãos enfiadas nos bolsos do paletó branco. Havia um bilhete de Jennifer:

*Aliás, não foi John Lennon que caminhou descalço. Foi Paul. 7L calçava sapatos brancos. Consegui pegar você no meio de um passo igual ao original, graças à minha fiel escadinha.*

Eu não me lembrava de ter tirado os sapatos, mas era verdade, estava descalço na fotografia. Quando ergui os olhos, vi que a sra. Stechler tinha deixado o andador Zimmer no hall, enfiado atrás da mesa do porteiro. Através das portas de vidro, eu a vi com seu casaco de pele, caminhando com passos ligeiros até o ponto de ônibus. Não era para ela estar prejudicada pela artrite?

Coloquei as fotografias de volta na caixa de correspondência, tranquei e caminhei até o supermercado mais próximo para comprar a lata de abacaxi para Walter Müller. O que Jennifer estaria fazendo hoje? Provavelmente resolvendo sua passagem de avião para os Estados Unidos. Obviamente, estaria no quarto escuro na faculdade, preparando-se para a apresentação de formatura, e mais tarde, muito mais tarde, estaria preguiçosa na sauna com Saanvi e Claudia, conversando sobre o infinito e sobre como um matemático depressivo chamado Georg Cantor encontrou um jeito de anotar números infinitos. Enquanto isso, eu tentava resolver se comprava abacaxi enlatado em rodela ou em pedaços, em calda ou com suco. No fim, comprei duas bananas, uma baguete, um bife e então percebi que me demorava no balcão de queijos. Comecei a sentir certa solidariedade com a floricultura que só vendia rosas. Se havia uma infinidade de rosas a escolher, era a mesma coisa com os queijos. Shropshire blue, stilton, farmhouse cheddar, lancashire, red leicester, gouda, emmental.

Pedi ao assistente que me desse uma fatia grande do brie que derretia. Pingou da faca dele. Ele tinha mãos gentis.

O céu estava cinzento, assim como o chão. Tinha começado a chover. Um homem vestindo uma túnica africana se debatia com um guarda-chuva quebrado enquanto a chuva molhava suas sandálias. Parei para tomar um copo de chá e comer uma baklava num café turco. O doce pingava mel. Pedi um guardanapo, mas a

moça que estava me servindo pareceu não escutar o meu pedido. Ela caminhou na direção de uma menininha de uns sete anos que lia um livro numa mesa próxima e sussurrou algo no ouvido dela. Achei que estivesse pedindo para a criança ir buscar um guardanapo para mim, mas só estava ajustando uma das fitas vermelhas no cabelo trançado da filha.

“O negócio é o seguinte, Saul Adler: o assunto principal nem sempre é você.”

O negócio é o seguinte, Jennifer Moreau: você me transformou no assunto principal.

Estava acontecendo alguma coisa no meu bloco de apartamentos. Tinha gente correndo para fora do prédio em pânico. O engenheiro que morava no terceiro andar berrava a respeito de um incêndio. Eu não sentia cheiro de nada queimando. Havia um boato de que os bombeiros estavam em greve, apesar de não ter sido oficialmente anunciado. O senhorio aconselhou a todos nós que mantivéssemos um balde cheio de areia por perto, só para garantir, e também que tirássemos da tomada todos os aparelhos elétricos desnecessários, à exceção da geladeira. A sra. Stechler voltou com o que disse ser o bolo de semente de papoula, mas dava para ver através do saco plástico que ela segurava nas mãos enluvadas, e pareciam ser pedaços de carne sangrando. Quando ela pegou o andador Zimmer do hall, disse que talvez tivesse deixado a torradeira ligada na tomada e, pensando bem, não tinha certeza de que havia desligado o aquecedor elétrico. Por que ela estaria com o aquecedor elétrico ligado em setembro? Eu me ofereci para correr escada acima até seu apartamento para checar. Houve um debate entre os outros moradores reunidos na frente do prédio para decidir se aquilo era prudente. Ficou decidido que, se houvesse um incêndio, eu não devia me arriscar, mas, como insisti, aconselharam que eu pelo menos evitasse o elevador.

“Ele quer morrer, então deixem.” A sra. Stechler chegou a sorrir quando entregou para mim as chaves do apartamento. Era a primeira vez que eu a via alegre.

Não subi correndo os cinco lances de escada; caminhei devagar porque ainda estava mancando depois da queda na faixa de pedestre da Abbey Road. Não havia sinal de fumaça quando abri a porta com as chaves. Tudo estava desligado no apartamento dela. Um telefone preto pesado estava posicionado

no meio do tapete. Era um lugar estranho para colocar um telefone, principalmente se ela tivesse artrite e não pudesse abaixar com facilidade até o chão. Acompanhei o fio e vi que estava ligado à tomada na parede atrás da televisão. Fechei a mão em punho e comecei a bater na parede. Se eu estava em busca de algo, não tinha certeza do que queria encontrar. Será que a parede era oca ou sólida? Era isso que eu queria saber? Bati de novo. Era como se aquela ação fizesse com que eu me sentisse importante, e isso me fez imaginar que eu me sentia desimportante o resto do tempo. Será que a Stasi se sentia mais importante quando estava batendo em paredes com o punho fechado? O telefone tocou e eu tirei o fone do gancho.

“Alô. Aqui é o telefone da sra. Stechler.”

“Quem está falando?”

“Meu nome é Saul. Sou vizinho dela.”

“Aqui é o Isaac.”

Uma pontada de dor atravessou meu peito.

“A sra. Stechler não está em casa. Quer deixar recado?”

“Saul de quê?”

As palavras *Saul de quê?* me encheram de pavor e medo e arrependimento.

Ainda assim, me esforcei para falar com clareza e suavidade ao telefone.

“Saul Adler.”

Eu mal conseguia falar.

Percebi que estava com o coração partido. A sacola de compras do Wal-Mart que tinha sido soprada pelo vento na Abbey Road estava conectada aos Estados Unidos no tempo, e o nome Isaac também estava conectado aos Estados Unidos.

A linha ficou muda.

Alguém respirava perto de mim.

Eu me virei e olhei direto nos olhos assustados de um animal. Um poodle preto tinha pulado em cima do braço do sofá. Seus olhos estavam úmidos e ele gania. Inquilinos e locatários não têm autorização para manter animais nos apartamentos. Eu não fazia ideia de que a sra. Stechler tinha um cachorro. O fato de ela

ter comprado carne crua em vez de bolo de semente de papoula agora fazia sentido.

Sentei-me no sofá e segurei o poodle no colo. O telefone começou a tocar de novo. Enquanto acariciava a cabeça quente do cachorro, me acalmei. Nossa respiração, de algum modo, tinha se sincronizado; respirávamos juntos enquanto esperávamos o telefone parar de tocar. Era muito tranquilo segurar o cachorro no colo e respirar junto com ele.

Eu estava com fome. Faminto. Talvez tivesse me esquecido de comer desde a quase colisão na Abbey Road. Estar sentado no sofá verde-tartaruga no meio de algo que podia ser uma emergência (a suspeita de incêndio) fez com que eu pensasse no meu amigo Jack, que tinha me dito que nunca ia querer ter filhos. Jack achava que pais eram alienígenas que falavam com vozes estranhas com os filhos e, de qualquer modo, ele queria ser o centro das atenções, especialmente das atenções sexuais de seus amantes. Ele não queria, de jeito nenhum, que essa atenção lhe fosse roubada pelas necessidades de uma criança ou pelas necessidades agora infinitas do pai alienígena.

Eu tinha concordado com ele com entusiasmo. Jack era dez anos mais velho do que eu, mas parecia mais novo do que seus trinta e oito anos. Usava paletós de linho cheios de estilo com tênis pretos de adolescente, o que sempre considerei um bom visual.

Eu não tinha tanta certeza de que pensava assim no dia em que comíamos *moules-frites* num bistrô francês na região oeste de Londres. Tomei consciência durante aquele almoço de que nos considerávamos homens cultos, sofisticados e bonitos, um degrau acima dos pais exaustos que provavelmente não faziam sexo havia muito tempo. Ou não com seus parceiros exaustos, pelo menos.

No entanto, ainda na época, não acreditei totalmente em mim mesmo enquanto concordava com Jack. Apesar de ele ser engraçado e divertido, num certo aspecto era insensível. Eu disse isso em voz alta para o cachorro, que agora dormia no meu colo.

“Ele era, num certo aspecto, insensível.”

Quando Jack olhou para o meu prato, reparou que eu tinha deixado alguns mexilhões. Perguntou se podia terminar para mim, como se estivesse me fazendo um grande favor. Empurrei minha travessa na sua direção, observando enquanto ele devorava tudo, chupando as conchas e mastigando muito rápido — ele achou que a lambança com as minhas sobras fazia com que ele parecesse muito adorável. E isso foi esquisito. (Falei isso mais uma vez em voz alta para o poodle: “Isso foi esquisito”.) Eu estava gostando de lembrar de Jack com um cachorro decorativo e ilegal no meu colo. Se, no final das contas, houvesse um incêndio, talvez eu devesse salvar a vida dele? Era verdade que eu estava sentindo um cheiro ácido e amargo, mas será que era fumaça?

Eu tinha mais lembranças do belo Jack pra trazer à tona.

Peguei a pata do cachorro na mão e apertei. Depois que Jack comeu meus mexilhões, voltou a atenção para a conta que tinha acabado de chegar num pires. Deu uma olhada nela e, em vez de dividirmos meio a meio, insistiu que, como eu tinha pedido pão extra e eles tinham cobrado, eu devia cobrir o custo, apesar de ele ter aproveitado o pão extra. Ao mesmo tempo, ele estava de olho em uma torta de limão que o homem sentado sozinho à mesa ao nosso lado tinha deixado no prato. Jack queria estender a mão e devorar aquilo também. Quando ele me lançou um olhar conspiratório, perguntei a mim mesmo por que ele era tão difícil de amar. Acho que a pergunta estava na minha cabeça enquanto eu batia na parede com o punho fechado. A resposta era obviamente porque o próprio Jack não tinha amor para dar. Eu tinha feito uma pergunta à parede e, à sua maneira, ela tinha respondido. De repente fiquei preocupado que Jennifer pudesse pensar que eu não tinha amor para dar. Supostamente, Jack iria jogar tênis depois da nossa refeição. Ele me disse que tinha feito algumas aulas extras com um treinador para aperfeiçoar seu saque para esse jogo em especial. Eu não conseguia entender por que ele estava devorando um almoço enorme antes de um jogo

de tênis, mas ele era muito magro. Fiquei achando que ele próprio fosse a criança que tanto deplorava. Uma criança que precisava ser empanturrada.

Nesse ínterim, era possível que, enquanto eu estava sentado no sofá, acariciando o cachorro ilegal, o bloco de apartamentos estivesse em chamas. Levantei-me e larguei o poodle preto no chão. Ele soltou um som indignado quando peguei o saco de papel com o brie e bati a porta da frente. Mais uma vez, desci as escadas mancando, mas não senti cheiro de fumaça. Todo mundo estava aglomerado na frente do bloco, apontando para várias janelas. Ficaram todos aliviados ao saber que a sra. Stechler não tinha deixado o aquecedor ligado. Eu disse a ela que alguém tinha telefonado.

Ela tirou os óculos grossos e pareceu confusa.

“Acho que não. Minha linha telefônica foi cortada.”

Ela começou a soprar as lentes dos óculos, depois pegou a barra da saia e limpou os olhos.

“Aliás”, ela disse, “eu também sou judia. Nasci em Cracóvia.”

O engenheiro deu um tapinha no meu ombro.

“Obrigado por fazer a checagem de saúde e segurança, sr. Adler”, disse com sinceridade. “Assim nós ficamos tranquilos.”

Fiquei imaginando por que a sra. Stechler usava luvas e que tipo de espectro havia por baixo delas, mas não queria pensar nisso, então atravessei a rua correndo e liguei para Jennifer do telefone público na esquina.

“Está tudo bem, Jennifer?”

“Por que você me ligou?”

“Porque os bombeiros estão em greve.”

“Quem disse que os bombeiros estão em greve? É a primeira vez que ouço falar disso.”

Eu segurava o saco com o brie que derretia. Jennifer falava em um tom simpático, despreocupado, como se não tivesse rejeitado a minha oferta de casamento e, depois de usar o meu corpo, não tivesse meio que me expulsado de sua cama, ainda coberto de hematomas e sangrando por causa do acidente.

“As fotos ficaram boas, não ficaram?” Ela começou a falar de luz e sombra e do ângulo de que tinha tirado as fotos e sobre como na fotografia original dos Beatles reais, para o álbum *Abbey Road*, havia um turista americano parado embaixo de uma árvore que só estava ali na hora por acaso. Eu estava olhando para o saco de papel com a fatia de brie que derretia lá dentro. Parecia haver alguma espécie de mensagem escrita no canto direito do saco.

“Está tudo bem com você, Saul?”

O assistente do supermercado com mãos gentis tinha escrito o preço do queijo com caneta esferográfica e sublinhado duas vezes.

“Não, nada está bem, de jeito nenhum.”

“O negócio é o seguinte, Saul Adler: vá se foder.”

“O negócio é o seguinte, Jennifer Moreau: é exatamente isso que eu vou fazer.”

Naquela noite, quando arrumei a mala para Berlim Oriental, percebi que tinha me esquecido de comprar a lata de abacaxi.

## Berlim Oriental, setembro de 1988

Passei muito tempo dando risada com Walter Müller. Foi um alívio estar com alguém cuja vida não tinha a ver com ganho material. Walter era mestre linguista. Ensinava línguas do Leste Europeu a alemães orientais que iam trabalhar em outros países socialistas e era fluente em língua inglesa também. Fui com a cara dele assim que o vi à minha espera na estação de Friedrichstraße. Estava parado na ponta da plataforma, segurando um pedaço de papelão com o meu nome. Tinha uns trinta anos, cabelo sem graça na altura do ombro, olhos azul-claros, alto, ombros largos. Musculoso. Havia um tipo de energia em seu corpo, uma vitalidade que era relaxada, mas animada. Conteí a ele sobre o pesadelo que tinha sido a viagem de trem até o aeroporto britânico e que o trem tinha ficado sem combustível e eu precisei esperar um ônibus reserva. Walter Müller balançou a cabeça de um jeito levemente zombeteiro para expressar a profundidade de sua solidariedade. Obviamente, na visão dele, eu nadava na parte rasa dos problemas da vida.

“Isso demonstra o péssimo gerenciamento do sistema de transporte do seu país.”

Ele me conduziu para fora da Friedrichstraße e perguntou se eu queria caminhar até o apartamento de sua mãe ou se preferiria tomar um bonde. Concordei que devíamos ir a pé. O inglês dele era formal, um pouco tenso, bem diferente da confiança e da energia do seu corpo.

“Esta é a nossa cidade à beira do Spree”, ele disse, acenando na direção do rio. Caminhamos acompanhando as águas cinzentas do Spree enquanto nos dirigíamos para o teatro Berliner Ensemble, fundado por Brecht, que tinha passado os

anos de nazismo em exílio. Ele tinha vivido em pelo menos quatro países. Eu os enumerei para Walter.

“Suécia, Finlândia, Dinamarca e, no final, Estados Unidos.”

“Ah, sim, Brecht”, Walter disse. “Sabia que Bruce Springsteen fez um show aqui em julho? Tocou durante três horas.” Corrigiu a si mesmo. “Não. Quatro horas.”

Eu sabia que Brecht tinha sido considerado suspeito pelas autoridades por ter escolhido viver nos Estados Unidos, e não na União Soviética. Ainda assim, ele tinha retornado à Alemanha Oriental para escrever suas peças, na esperança de participar da construção de um novo Estado socialista. Parecia que eu estava mais interessado em Brecht do que meu tradutor, então não disse a ele que eu conhecia a letra toda da *Ópera dos três vinténs* (“uma ópera para mendigos”) e costumava cantar “Surabaya Johnny” enquanto tomava banho. Baixei os olhos para os dois cisnes brancos nadando lado a lado no Spree.

“Cisnes gostam de viver juntos”, eu disse. “Estabelecem laços fortes um com o outro.”

Walter tentou parecer interessado. “Obrigado pela informação.” A voz dele era séria, mas seus olhos sorriam.

Walter me disse que tinha acabado de voltar de Praga, onde estava traduzindo do tcheco para o alemão para camaradas que tinham se inscrito em um curso de engenharia. Quando agradei por ele ter vindo ao meu encontro na estação, considerando que tinha acabado de chegar de uma viagem, ele deu risada. “Esta caminhada com você é minha boa sorte. Posso fazer algo produtivo, como levar você para tomar uma cerveja.” Uma mosca zumbia ao redor de seus lábios. Ele a espantou com a mão e bateu com a bota no calçamento de paralelepípedos para evocar um medo extra.

“Mágica.” Ele deu risada e bateu a bota mais uma vez.

“Mágica”, repeti. Eu não sabia muito bem o que estava acontecendo nem por que ele estava rindo.

“Seja lá o que você fizer”, ele disse, “quando escrever o seu relatório a respeito da nossa república, não diga que tudo era cinzento e estava caindo aos pedaços, a não ser pela interrupção

colorida de bandeiras vermelhas posicionadas nos prédios.”

“Claro que não.” Olhei nos olhos azuis pálidos dele com meus olhos azuis intensos. “Vou mencionar que há moscas. E que muitas mulheres são condutoras de bonde.” Eu ainda não o conhecia bem o suficiente para dizer que tinha me acostumado a ser censurado porque Jennifer tinha me proibido de descrevê-la com minhas próprias palavras.

Demos prosseguimento à nossa conversa sociável. Walter caminhava rápido com seu casaco de inverno enquanto eu tentava acompanhar com meu paletó leve. Ele me disse o quanto tinha gostado do nome de um doce em Praga. Chamava-se “caixãozinho” e era feito principalmente de creme. Achei que ele estava falando de uma bomba de creme.

Perguntou se eu conhecia o trabalho da artista tcheca Eva Švankmajerová. Eu não conhecia. Ele admirava uma frase que ela tinha escrito; ia tentar traduzir para mim agora. Fechou os olhos — “Lá vai” — e franziu a testa durante um bom tempo enquanto tentava juntar as palavras em três línguas, tcheco, alemão e inglês; então abriu os olhos, deu um soco no meu braço e jogou o cabelo para trás. “Não é possível traduzir.” O que ele mais gostava em Praga era virar uma dose de *slivovitz*, “bem velho, da Morávia”. Em breve ele me apresentaria para o diretor da universidade, que provavelmente ia me oferecer uma aguardente de boa qualidade.

Depois de um tempo, perguntou por que eu estava mancando. Conteí para ele, em alemão, do quase acidente na Abbey Road, e ele disse, em inglês: “Então, vamos falar em alemão ou em inglês um com o outro?”.

“Bom, talvez possamos fazer meio a meio...”, eu disse em alemão.

“Por que você é fluente em alemão?”, ele perguntou em inglês.

“A minha mãe nasceu em Heidelberg.”

“Então, você é meio alemão?”

“Ela foi para a Grã-Bretanha quando tinha oito anos.”

“Ela falava alemão em casa?”

“Nunca.”

Dessa vez ele não me agradeceu pela informação.

Como continuei a mancar, ele perguntou se eu era manco.

“Eu não sou manco. Só estou com o quadril machucado.”

Eu disse isso bem alto e com sentimento. Não queria parecer ridículo a Walter Müller. Não. De jeito nenhum. Queria parecer algo diferente, mas a verdade é que senti uma dor no estômago. Parecia que algo estava sendo removido das minhas entranhas com uma faca.

Ele se ofereceu para carregar minha bolsa. Recusei, mas ele a pegou do mesmo jeito e pendurou no ombro enquanto caminhávamos por uma rua de paralelepípedos chamada Marienstraße. Depois de um tempo, ele apontou para um hospital onde a irmã dele trabalhava como enfermeira. “Os médicos são muito bons”, ele disse, “mas é melhor não ter que passar a noite lá. Ela pode providenciar um raio X para você, se quiser?”

“Não!” Dei um soco no seu ombro com tanta força que ele começou a dar risada.

“Você é mais forte do que parece.”

Não acho que ele falou sério, porque me empurrou para longe quando tentei tirar minha bolsa dele.

Um bonde tinha à distância.

“Sente-se, Saul.” Walter apontou para um degrau de pedra na entrada de um dos blocos de apartamentos.

Eu me sentei no degrau como ele tinha instruído. Ele se sentou ao meu lado com minha bolsa entre os joelhos. Tudo estava em paz e calmo. Reparei que Walter agora tinha posto óculos e lia seu jornal. O céu escureceu e seu braço esquerdo estava apoiado em meus ombros. Eu me senti feliz. Inexplicavelmente feliz. Foi igual ao momento em que me sentei no sofá da sra. Stechler com o poodle ilegal no colo. Ficamos lá sentados durante um bom tempo.

Passado um instante, ele dobrou o jornal e deu um tapinha no meu ombro.

“Conte do seu acidente.”

Comecei a falar. Me ouvi dizendo coisas que nem sabia que estava pensando. Conte para Walter que o que mais tinha me deixado preocupado na Abbey Road era que a minha mãe havia morrido em uma batida de carro quando eu tinha doze anos. De algum modo, de um jeito irracional, achei que Wolfgang — esse era o nome do motorista, expliquei a ele — podia ter sido a pessoa que a matou.

“Esse é um medo compreensível”, Walter disse.

Disse a ele que minhas mãos tinham começado a tremer quando retornei ao local do acidente e que tinha me sentado na mureta com a mulher que pediu para eu acender seu cigarro. O tremor, eu disse a ele, tinha a ver com a lembrança dos primeiros segundos depois de receber a notícia de que minha mãe tinha morrido e nunca mais voltaria para casa. E, depois, uma segunda lembrança de me dar conta de que isso significava que eu teria de morar com meu pai e com meu irmão sem a minha mãe, que usava o corpo feito um muro humano para me proteger deles.

“Você precisava ser protegido do seu pai e do seu irmão?”

“Precisava. Eles eram homens grandes. Teriam gostado de você.”

Ele balançou a cabeça e deu risada. “Acho que não.”

“Walter”, perguntei, “onde fica o Muro? Não estou vendo.”

“Está em todo lugar.”

Contei a ele que o acidente fatal da minha mãe e o meu pequeno acidente tinham se fundido na minha mente e que eu ainda sentia uma raiva insaciável do motorista que a tinha atropelado. Eu o considerava um assassino. O tempo que havia passado não tinha feito com que a morte da minha mãe ficasse menos vívida. Apesar disso, eu não estava prestando atenção de verdade quando atravessasse a rua.

“Ah, sim.” Walter dobrou o jornal, primeiro ao meio, depois mais uma vez. Enquanto eu observava seus dedos alisando as pontas do papel, reparei que estavam cobertos com a tinta cinzenta do jornal. Palavras aleatórias se borravam feito cinzas na ponta dos seus dedos. Era como se eu estivesse escutando o som

de uma máquina de escrever na cabeça. As teclas martelando uma página. Era como se eu estivesse fazendo um relatório de informação sobre mim mesmo. *Herr Adler é um homem descuidado*. Mas essas não eram as palavras que Walter me dizia agora.

“Talvez você precise repetir ou algo assim?”

“Repetir o quê?”

“A história.”

Ele se inclinou para a frente e perguntou se podia me ajudar a amarrar meu cadarço esquerdo. Tinha desamarrado na nossa caminhada. Minha humilhação era infinita. Ele foi gentil e não me julgou, como às vezes desconhecidos fazem, geralmente porque a história ainda não se intrometeu. Eu me levantei e comecei a seguir em frente sem ele. Não fazia ideia para onde estava indo, mas não queria que ele visse as minhas lágrimas. Tinha acabado de chegar e lá estava ele carregando a minha bolsa, amarrando os meus cadarços, e agora eu estava chorando. Quando ele me alcançou, tinha tirado os óculos. Havia um vergão em cima do seu nariz, onde o plástico pressionava a pele.

“Ei, Saul, espere por mim.”

Ele estava parado ao lado de uma mulher que carregava uma caixa de madeira. Acontece que estava cheia de couves-flores pequenas. Walter falou com ela num dialeto que não entendi. Achei que estava me dando tempo para enxugar os olhos discretamente. O problema era que meus olhos se recusavam a secar. Eu enxugava e mais lágrimas escorriam. Fiquei acanhado além da conta por ter trazido uma porção tão grande do meu pesar para a RDA. Sim, foi uma quantidade e tanto. Eu precisava do meu amigo Jack, que comia os restos da comida de todo mundo, para tirar um pouco daquilo de mim. A natureza nada generosa de Jack era o oposto da de Walter, apesar de Walter não ser menos sofisticado. Ele certamente tinha menos estilo e era menos agressivo. Comecei a entender mais do que ele dizia à mulher que segurava a caixa. Estava falando de cerejas. Algo a respeito da cerejeira do terreno da datcha de sua família. Ele também tinha plantado couves-flores, mas não tinham pegado.

Todas murcharam. Ela olhou à meia distância, para algum lugar acima da minha cabeça, mas eu sabia que estava olhando para mim.

Acenei para ela. Ela não correspondeu, seu rosto era uma fachada de pedra. De repente compreendi que poderia ser perigoso para ela travar contato com ocidentais. Alguém a denunciaria por ter acenado para mim. Não avistei nenhum mendigo nem drogado nem cafetão nem ladrão nem ninguém dormindo na rua. No entanto, a expressão dos seus olhos permaneceu comigo, assim como seus lábios. Será que eu preferiria que me roubassem a carteira se isso significasse que eu tinha liberdade de cumprimentar um desconhecido sem medo? Ela e Walter pareciam se conhecer porque ele deu um beijo no rosto dela e ela lhe deu uma couve-flor. Walter enfiou a mão no bolso e tirou dali uma sacola de tiras vermelhas. Colocou a couve-flor dentro da sacola e pendurou no ombro.

“Tive sorte”, ele gritou para mim.

Continuamos a caminhar. Estava mais fácil agora que a dor no meu estômago tinha diminuído. Perguntei sobre seu terreno. Ele me disse que estava pensando em criar abelhas e me convidou para passar um fim de semana na datcha nos arredores da cidade para que eu pudesse ver com os meus próprios olhos.

“Eu apreciaria muito, obrigado.” Parece que ainda estávamos bem longe do apartamento da mãe dele. Perguntei a ele por que sua irmã se chamava Luna.

“A lua é uma fonte de luz. E Luna é a fonte de luz da minha mãe. A primeira filha que ela teve não sobreviveu.”

Ouvir essas palavras despertou uma dor funda em mim, junto com todas as outras dores. Igual a um lago de águas escuras. Iluminado pela lua.

Quando eu não estava mancando, estava chorando. Foi um início terrível.

“Não falta muito para chegar ao bar”, Walter disse, “mas primeiro eu preciso deixar a couve-flor em casa.” Ele me conduziu por um pátio interno de um prédio antigo de pedra e me disse para esperar ao lado da escada.

De novo, me sentei no degrau. Dessa vez, amarrei meus próprios cadarços.

As paredes do bloco de apartamentos estavam marcadas por buracos de bala da última guerra. Meu pai teria colocado a mão na massa imediatamente e começado a rebocar as paredes da RDA. Eu me peguei preocupado com a descrição que Walter fez da cerejeira murcha que crescia no jardim de sua datcha. Apesar de eu estar sentado em um degrau de pedra em Berlim Oriental, recebia imagens de algum outro lugar. Eram todas em preto e branco, como as fotografias de Jennifer. Uma casa de madeira em Cape Cod, Estados Unidos. A casa era construída em pinho e cedro. Dentro dela havia uma grande lareira. As janelas eram cobertas por venezianas de madeira. Jennifer estava em algum lugar daquela casa e seu cabelo tinha ficado branco.

Dava para escutar os pios das gaivotas do litoral de Cape Cod e das margens do Spree em Berlim Oriental.

Quando Walter desceu a escada, segurava um trenzinho de brinquedo minúsculo, entalhado em madeira.

“Preciso consertar.” Ele enfiou o trenzinho no bolso do casaco. “Tem cola na casa da minha mãe.”

Ele estava tentando explicar algo complicado para mim em alemão. Parecia ser a respeito de por que ele não morava com a mãe e a irmã. Não entendi e perguntei se podíamos conversar setenta por cento em inglês, em vez de cinquenta, até eu me firmar.

Coloquei a palma da mão no seu peito, apoiando-me nele enquanto recuperava o fôlego do choque de ter vislumbrado aquele trenzinho de madeira. Uma das rodas, pintada de vermelho, saía do bolso do casaco de Walter. Eu já tinha visto aquele trenzinho, ou sonhado com ele, ou até o enterrado, e lá estava ele, retornando feito um espectro para me atormentar.

“Está tudo bem, Saul?”

“Com toda a certeza”, respondi.

Walter sugeriu que tomássemos um bonde até o bar.